



UM PANORAMA HISTÓRICO DA LÓGICA MEDIEVAL I*

Guilherme Wyllie – Universidade Federal do Mato Grosso/IBFCRL

Resumo: Este esboço interino propõe não só uma divisão histórica e uma delimitação cronológica e geográfica da lógica medieval, como também oferecer uma apresentação tanto da lógica pré-escolástica, quanto da lógica escolástica inicial.

Palavras-chave: Lógica medieval; História da lógica; Lógica.

Abstract: This provisional outline suggests not only a historical, geographical and chronological demarcation of medieval logic, but also offers an introduction to the pre-scholastic logic as well as the early scholastic logic.

Keywords: Medieval Logic; History of Logic; Logic.

O estudo sistemático e aprofundado da Lógica Medieval é relativamente recente¹. Dada a amplitude e complexidade de seus temas, desse período histórico é permitido formular apenas conjecturas e esboços setoriais sempre sujeitos, consoante o andamento das pesquisas, a revisões e correções. Assim, diante das limitações descritas, não se pode esperar unanimidade entre os historiadores em torno de todos os assuntos compreendidos por tal etapa da história da lógica.

DELIMITAÇÃO CRONOLÓGICA E GEOGRÁFICA DA LÓGICA MEDIEVAL

Em geral, não existe um consenso sobre a origem e o fim da Lógica Medieval.² Aqui, porém, determinar-se-á que ela surgiu após um longo

* Esta é a primeira parte de um estudo provisório sobre o desenvolvimento histórico da lógica medieval, que recebeu o apoio da AGAUR - Generalitat de Catalunya.

¹ Cf., por exemplo, ASHWORTH, J. *The Tradition of Medieval Logic and Speculative Grammar from Anselm to the End of the Seventeenth Century*. A Bibliography from 1836 Onwards. Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 1978; PIRONET, F. *The Tradition of Medieval Logic and Speculative Grammar*. A Bibliography (1977-1994). Turnhout: Brépols, 1997.

² Blanché, por exemplo, acredita que o período em questão se estende do séc. VI ao séc. XV (BLANCHÉ, R. *La logique et son histoire*, p. 140), ao passo que de Libera divide-o em três fases, a saber, (i) a boeciana, que antecede a difusão da *logica nova*, (ii) a da organização do *corpus* aristotélico nas sumas de lógica do séc. XIII e (iii) a das realizações teóricas ou formais, que se caracteriza pela multiplicação das 'lógicas regionais' durante o séc. XIV e o séc. XV (DE LIBERA, A. *La philosophie médiévale*, p. 31). Bockenski, porém, distingue (i) uma etapa de transição, que dura até a época de Pedro Abelardo, (ii) uma etapa criadora, que abrange o período entre Pedro Abelardo e o fim do séc. XIII, e (iii) uma etapa de elaboração, que começa com Guilherme de Ockham e se encerra no final da Idade Média (BOCHENSKI, I. *Historia de la lógica formal*, p. 160-161). Enfim, cabe ainda citar a opinião

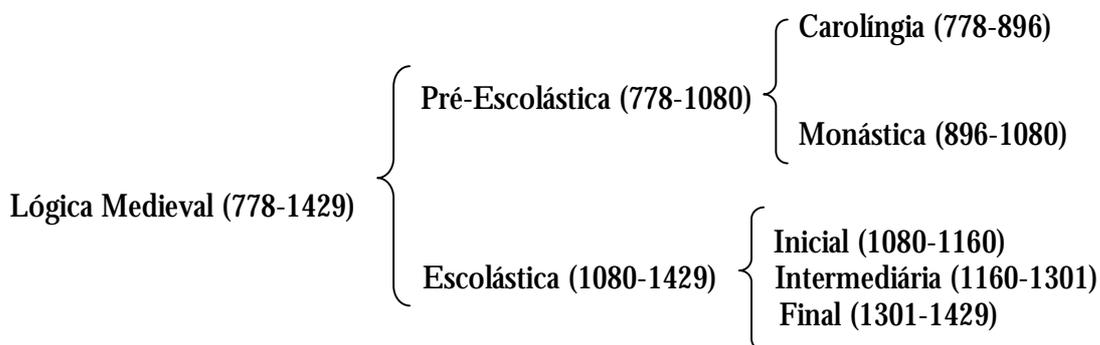


período de estagnação intelectual, que motivou o declínio da Lógica Antiga e só foi interrompido pelo Renascimento Carolíngio, e terminou com o aparecimento da Lógica Humanista. Neste caso, poder-se-á dizer que a Lógica Medieval iniciou em 778, quando Carlos Magno exortou os Bispos e Abades do seu Reino a erigir escolas para formação de religiosos, e encerrou com a morte de Paulo de Veneza em 1429.

Do ponto de vista geográfico, cumpre ainda salientar que a Lógica medieval restringiu-se a Europa Ocidental Latina, o que exclui tanto a Lógica Hindu e a Lógica Bizantina, quanto a Lógica Judaica e a Lógica Árabe, não obstante a grande importância e influência delas.³

DIVISÃO HISTÓRICA DA LÓGICA MEDIEVAL

A Lógica Medieval passou por duas grandes etapas. De início, verifica-se a Lógica Pré-Escolástica, que surge em 778, cessa em 1080 e compreende não só um período carolíngio, que começa em 778 e se encerra em 896, como também inclui um período monástico, que tem seu início em 896 e seu término em 1080. Posteriormente, observa-se a Lógica Escolástica, que começa em 1080, termina em 1429 e ainda se subdivide numa fase inicial (1080 - 1160), intermediária (1160 - 1301) e final (1301 - 1429).



Lógica Pré-Escolástica Carolíngia

A lógica ocupou um lugar relevante no decurso do Renascimento Carolíngio graças ao interesse dos eruditos da época pela possibilidade de aplicá-la à teologia. De fato, nos *Libri Carolini*, provavelmente escritos por Teodolfo de Orleans em 790, alguns métodos lógicos de argumentação já eram explicitamente empregados na compreensão das dificuldades vinculadas às questões teológicas. Na mesma época, Alcuíno de York disponibilizou aquele que se tornaria o texto de lógica mais estudado durante os dois séculos subsequentes, a saber, as *Categoriae decem*, uma antiga paráfrase às *Categorias* de

de Moody segundo a qual a lógica medieval inicia no séc. XI e perdura até o séc. XV (MOODY, E. *Lógica medieval europea*, p.75).

³ Cf. MOODY, E. *Lógica medieval europea*, p.75 .

Aristóteles, cuja autoria ele atribuiu à Agostinho, apesar dela ter sido realmente escrita no século IV d.C por algum integrante do círculo de Temístio. Além disso, cabe ainda ressaltar que ele também redigiu a primeira obra medieval de lógica, isto é, a *De dialectica*,⁴ que revela uma influência direta das *Instituições* de Cassiodoro (século VI d.C), das *Etimologias* de Isidoro de Sevilha (século VII d.C), do *Peri hermeneias* de Apuleio de Madaura (século II d.C), da própria *Categoriae decem* e dos comentários de Boécio à *Isagoge* de Porfírio e ao *Da interpretação* de Aristóteles.

No início do século IX, por sua vez, há uma discussão incipiente sobre o significado dos conceitos negativos na epístola *De substantia nihili et de tenebris* de Fredegiso, discípulo e sucessor de Alcuíno como abade do mosteiro de St Martin de Tours. Segundo ele, dado que Deus criou não só as coisas, mas também seus nomes, de sorte que há um nome para cada coisa,⁵ e 'nada' é um nome, segue-se que deve existir alguma substância correspondente a 'nada'.⁶ Esta obra, assim como (i) o registro da *Isagoge* de Porfírio, *Categoriae* e *Da interpretação* de Aristóteles num catálogo do mosteiro de Reichenau, (ii) a presença de várias passagens estritamente lógicas na *Usia graece*, uma compilação de textos teológicos elaborada por Cândido e outros discípulos de Alcuíno, e (iii) a existência de um manuscrito de Leidrad, Bispo de Lyon, que compreendia a *Isagoge* de Porfírio, o *Peri hermeneias* de Apuleio, as *Categoriae decem*, extratos do *De dialectica* de Alcuíno, o primeiro comentário de Boécio ao *Da interpretação* de Aristóteles e uma lista das categorias oriunda do *De arithmetica* de Boécio, confirmam o entusiasmo dos eruditos da época pela investigação de técnicas elementares de argumentação lógica e questões vinculadas à doutrina das categorias. Neste contexto, é importante notar que até o influente João Escoto Eriúgena dedica grande parte do primeiro livro da *Periphyseon* ao estudo de algumas noções provenientes das *Categoriae decem* e *Isagoge* de Porfírio a fim de adaptá-las às suas concepções filosóficas e teológicas.

A partir de 850, o estudo da lógica, que até então se restringia à Academia Palatina, começou a se intensificar nos grandes mosteiros da Europa Ocidental. Em *De anima ad Odonem*, por exemplo, o monge Ratrano de Corbie descreveu uma interessante controvérsia sobre os universais que envolvia a sua própria concepção, segundo a qual os universais procedem dos indivíduos e não são realmente existentes,⁷ e a concepção do discípulo de um irlandês chamado Macário, para o qual os indivíduos provinham dos universais 'como um rio advém de sua nascente ou uma árvore emana de sua raiz'.⁸ Nessa época, o mosteiro de St Gall também exhibe (i) um conjunto de

⁴ Cf. KNEALE, M., KNEALE, W. *O desenvolvimento da lógica*, p. 203; McKITTEK, R., MARENBO, J. *Philosophy and its Background in the Early Medieval West*, p. 108.

⁵ FREDEGISO DE TOURS. *De substantia nihili et de tenebris*, 554, 30-2.

⁶ FREDEGISO DE TOURS. *De substantia nihili et de tenebris*, 553, 8-18.

⁷ RATRANO DE CORBIE. *De anima ad Odonem*, 71: 15-16 e 74: 8-10.

⁸ *Ibid.*, 108: 37.

obras lógicas entre as quais se sobressaem a epístola de Mestre L.,⁹ cuja análise da distinção entre uma totalidade e suas partes e um gênero e suas espécies depende principalmente do comentário de Boécio aos *Tópicos* de Cícero, (ii) uma *Dialectica* anônima, que inclui uma descrição da silogística e aborda algumas relações entre a linguagem e a lógica, e (iii) um pequeno opúsculo anônimo, que trata da classificação de todos os tipos de substantivos conforme as categorias de Aristóteles. Enfim, cabe ainda mencionar Érico de Auxerre, oriundo do mosteiro beneditino de St Germain e discípulo de João Escoto Eriúgena, cujo influxo é evidente nas glossas redigidas por ele sobre as *Categoriae decem*, *De dialectica* de Agostinho de Hipona, *Isagoge* de Porfírio e *Da interpretação* de Aristóteles, e destacar seu aluno mais célebre, Remígio de Auxerre, que escreveu glossas às *Categoriae decem* igualmente influenciadas pelas doutrinas da *Periphyseon*.

Lógica Pré-Escolástica Monástica

Em 896, a morte do papa Formoso inaugura um longo período de invasões, comoções sociais e decadência do pontificado, que ficou conhecido como 'Século de Ferro'. Neste contexto, as investigações lógicas restringiram-se basicamente aos monges dos mosteiros da congregação dos beneditinos reformados de Cluny, que surge no início do século X.

Apesar das dificuldades vinculadas ao estabelecimento da cronologia dos manuscritos lógicos do período em questão,¹⁰ verifica-se não só que as *Categoriae decem* foram paulatinamente preteridas em razão do crescente interesse pelo estudo da tradução de Boécio das *Categorias*, mas também se evidencia uma ampla difusão de outros textos do referido autor, como o *De topicis differentiis*, *Introductio ad syllogismos categoricos*, *De syllogismo categorico*, *De syllogismis hypotheticis*, *De divisionibus*, a tradução do *Da interpretação* e os comentários à *Isagoge*, *Categorias* e *Da interpretação*. Em virtude disso, o exame dos textos de lógica redigidos na metade do século X, tais como as glossas à *Isagoge* de Icpa ou Israel, um gramático irlandês que foi discípulo de São Bruno, revela que o conhecimento mais detalhado das obras de Boécio mencionadas anteriormente proporcionara uma abordagem mais técnica dos problemas discutidos pelos lógicos da época, que resolveram se concentrar na compreensão das teorias genuinamente aristotélicas a fim de expurgar seus escritos das doutrinas metafísicas de João Escoto Eriúgena e seus discípulos.¹¹

⁹ Marenbon sugere que Mestre L. poderia ser Liutbert, um mestre de St Gall que fora proclamado arcebispo da Mogúncia em 863 (cf. MARENBNON, J. *Early Medieval Philosophy*, p. 77).

¹⁰ Cf. GILSON, È. *A filosofia na Idade Média*, p. 273; MARENBNON, J. *Early Medieval Philosophy*, p. 81.

¹¹ Cf. JEAUNEAU, E. Pour le dossier d'Israel Scot. *Archives de l'histoire doctrinale et littéraire du moyen age*, 52, 1985, p. 7-72; JEUDI, C. Israel le grammairien et la tradition manuscrite du



No final do século X, sobressaem-se três lógicos, a saber, Notker Labeo, Abbo de Fleury e Gerberto de Aurillac, que contribuíram de maneira decisiva para o incremento da lógica, em virtude da assimilação das traduções, comentários e monografias lógicas de Boécio e do conhecimento adequado das doutrinas lógicas elaboradas nas décadas precedentes.

Notker Labeo era proveniente do mosteiro de St Gall, que contava com monges interessados por investigações lógicas desde o século anterior. Entre as suas obras, cumpre ressaltar tanto as traduções alemãs das *Categorias* e *Da interpretação*, cujas doutrinas eram analisadas com o auxílio dos respectivos comentários de Boécio, quanto um texto sobre os silogismos, que foi demasiadamente inspirado pelo comentário de Boécio aos *Tópicos* de Cícero e pela *De nuptiis philologiae ac Mercurii* de Marciano Capela.

Abbo, monge de Cluny e diretor da escola monástica de Fleury, já revelara um interesse específico pela lógica formal antes de 986. De fato, sua *Enodatio* sobre os silogismos categóricos e hipotéticos fora basicamente motivada pelas passagens mais técnicas do *Da interpretação* e efetivamente influenciada não só pelo *Peri hermeneias* de Apuleio de Madaura, como também pela *Introductio ad syllogismos categoricos*, *De syllogismo categorico*, *De syllogismis hypotheticis*, *De topicis differentiis* e *De divisionibus* de Boécio. No entanto, a despeito da sua predileção pelos aspectos formais da lógica, Abbo também sustentara que os universais não podem existir na realidade, em razão da incompatibilidade entre a sua concepção segundo a qual todas as coisas são numericamente unas e a afirmação de que os universais estão presentes em várias coisas ao mesmo tempo.¹²

Gerberto de Aurillac foi o maior erudito do século X. Após residir no mosteiro de Aurillac, ele permaneceu três anos na Catalunha, onde assimilou as principais doutrinas científicas árabes. Em 972, dirigiu a escola catedralsca de Reims e dez anos depois se tornou abade de Bobbio. Finalmente, foi proclamado arcebispo de Reims em 992 e arcebispo de Ravena em 998, antes de ser eleito papa no ano seguinte sob o nome de Silvestre II e falecer em 1003. Durante o período em que lecionou em Reims, Gerberto foi o primeiro a empregar um conjunto de obras denominado *logica vetus* pelos lógicos posteriores, que seria constituído pela *Isagoge* de Porfírio, *Categorias* e *Da interpretação* de Aristóteles, *Tópicos* de Cícero e os escritos lógicos de Boécio. Entre suas obras, cumpre ressaltar o opúsculo *De rationali et ratione uti*, onde Gerberto resgata uma discussão presente na *Isagoge*¹³ e não só considera alguns aspectos da psicologia aristotélica descritos no *Da interpretação*, como também emprega tanto a hierarquia metafísica exposta no primeiro comentário de Boécio à *Isagoge*, quanto a oposição entre ato e potência discutida na *Isagoge* e

commentaire de Remi d'Auxerre à la Ars Minor de Donat. *Studi medievali*, 18, 2, 1977, p. 185-205.

¹² ABBO DE FLEURY. *Quaestiones grammaticales*, §45-50.

¹³ Cf. PORFÍRIO. *Isagoge*, 22: 1-2 e BOÉCIO. *In Isagogen Porphyrii Commenta*, 104: 20-105: 15 (1ª edição) e 294:10-21 (2ª edição).

Da interpretação, para explicar como ‘servir-se da razão’ pode ser predicado de ‘racional’, não obstante ‘servir-se da razão’ ser a diferença de ‘racional’. De acordo com ele, se ‘racional’ for apenas um conceito apartado de qualquer ser humano, seu âmbito não será mais estrito do que o âmbito do conceito ‘servir-se da razão’. Todavia, se o conceito ‘racional’ vincular-se a determinado ser humano, ele não estará mais invariavelmente em ato e só poderá ser atualizado quando algum indivíduo racional servir-se da razão.¹⁴ Com efeito, ‘servir-se da razão’ pode ser predicado de ‘racional’, pois ‘racional’ em ‘racional é algo que se serve da razão’ não referir-se-á a todo ser racional, mas apenas a alguns deles.¹⁵

No final do século X, destaca-se Fulberto (980 - 1028), bispo e fundador da Escola de Chartres, que provavelmente fora um dos discípulos mais célebres de Gerberto de Aurillac. Entre as suas contribuições mais relevantes, é importante destacar a utilização pioneira das doutrinas do *De topicis differentiis* na elucidação de questões teológicas. Assim, por exemplo, Fulberto acreditava que o messianismo de Jesus poderia ser assegurado através de um argumento que provasse a interrupção do tempo do reino judeu com a vinda de Cristo. Segundo ele, se a existência de um reino é condicionada pela posse de um território, um povo e um rei e os judeus não podiam ter um rei após a destruição do segundo templo, visto que já não havia mais sacerdotes para ungi-lo, então poder-se-ia sumariamente dizer que a ausência do reino judeu se segue da máxima ‘Faltando uma parte, não pode haver uma totalidade; se há uma totalidade, não pode faltar uma parte’.¹⁶

Ao longo do século XI, ocorreu um grande debate acerca dos limites da lógica, que foi basicamente motivado por reflexões relativas à possibilidade da sua aplicação em contextos teológicos e pelo uso aparentemente indiscriminado de diversas técnicas argumentativas. De fato, tal situação pode ser particularmente evidenciada em algumas passagens da *Rhetorimachia*, onde Anselmo de Besate († 1050), o peripatético, relata que, perante a indiferença de uma platéia em Mogúncia, ele empenhou-se em convencer seus ouvintes de que era necessário aprová-lo ou reprová-lo. Dado que um deles insistiu que optaria por uma posição intermediária, ele argumentou que sua postura equivaleria a escolher ambas as alternativas, já que o meio incluiria os extremos. Todavia, o ouvinte discordou ao afirmar que o meio seria a negação dos extremos e concluiu que sua opção equivaleria a não fazer absolutamente nada. Finalmente, Anselmo retrucou que se não fosse nada, não poderia ser feito, de modo que seria necessário optar por uma das alternativas, pois seria

¹⁴ Tais considerações de Gerberto claramente presumem não só as passagens do *Da interpretação* que caracterizam as paixões da alma, mas também a doutrina exposta por Boécio em seu primeiro comentário à *Isagoge*, segundo a qual um conceito perde a sua imutabilidade quando se vincula a algo corruptível.

¹⁵ GERBERTO DE AURILLAC. *De rationale et ratione uti*, XV: 308-9.

¹⁶ FULBERTO DE CHARTRES. *Tractatus contra iudeos*, 307-8.

impossível deixar de escolher uma delas, embora não fosse possível realizá-las simultaneamente.¹⁷

Nesta época, a compreensão das doutrinas presentes no *Da interpretação* e nas monografias de Boécio sobre os silogismos permitiu tanto o reconhecimento da lógica como uma disciplina autônoma, quanto o abandono da tendência de assimilação da lógica pela metafísica, que era tão comum nos dois séculos anteriores. Tais fatos, por sua vez, acarretaram a primazia da avaliação crítica da lógica nas discussões sobre a eucaristia e a onipotência divina, uma vez que estes assuntos suscitaram várias questões sobre a viabilidade da análise lógica dos mistérios da fé.

Em 1045, por exemplo, Berengário (1005 - 1088), monge de St Martin de Tours e discípulo de Fulberto de Chartres, não só retomou a controvérsia eucarística inaugurada no século IX por Ratrano de Corbie, que rejeitara a concepção de seu mestre Pascásio Radberto ao discordar da presença substancial de Cristo nas espécies consagradas, mas também negou a transubstanciação, mediante uma análise da proposição 'isto é o meu corpo' (*hoc est enim corpus meum*) a partir do princípio segundo o qual a alteração da referência do sujeito de uma proposição durante o seu proferimento geraria outra proposição. Segundo ele, a proposição eucarística seria incapaz de promover a transubstanciação, pois, no momento em que ela fosse proferida, seguir-se-iam situações contraditórias ou impossíveis tais como (i) 'isto' já designar o corpo de Cristo, ou (ii) a própria proposição não ser concluída, se 'isto' não designasse mais o que ele designava e também não designar o que ele designaria, ou (iii) o surgimento de uma nova proposição, caso a referência de 'isto' fosse modificada.¹⁸

Lanfranco (1010 - 1089), abade de Bec e arcebispo da Cantuária, foi um dos maiores adversários das teses de Berengário. Em *De corpore et sanguine Domini*, ele atesta que as questões vinculadas à eucaristia não poderiam ser adequadamente explicadas através da lógica, apesar de utilizá-la contra a própria vontade para defender sua concepção, e acusa Berengário de negligenciar as autoridades sagradas ao refugiar-se na lógica.¹⁹ Por sua vez, Berengário contesta tais objeções em *Rescriptum contra Lanfrannum*, onde professa a utilidade da lógica nas discussões teológicas e assevera que 'refugiar-se na lógica é apelar para razão e não recorrer a ela é renunciar ao honorável título de criatura feita à imagem e semelhança de Deus em conformidade com a razão'.²⁰

¹⁷ ANSELMO DE BESATE. *Rhetorimachia*, p. 181-3.

¹⁸ Berengário também elabora outro argumento contra a transubstanciação baseado no princípio metafísico segundo o qual os acidentes não podem existir sem a respectiva substância. De acordo com ele, se a substância do pão desaparecesse devido à consagração, seria impossível que os acidentes do pão subsistissem. Ora, os acidentes do pão subsistem depois da consagração, logo, a substância do pão permanece.

¹⁹ LANFRANCO DE BEC. *De corpore et sanguine Domini*, 416D – 7A.

²⁰ BERENGÁRIO DE TOURS. *Rescriptum contra Lanfrannum*, 101.

Enquanto Lanfranco admitira a existência de limites intransponíveis para a lógica, não obstante acreditar que ela não se oporia os mistérios divinos e que ainda poderia auxiliar a teologia, caso fosse usada adequadamente, seu contemporâneo Pedro Damiano (1007 - 1072), cardeal e bispo de Óstia, adotara uma atitude mais radical. Em *De divina omnipotentia*, ele sustenta de antemão que a compreensão correta do argumento segundo o qual Deus não pode fazer o que Ele não faz, pois se Ele não pode fazer o que não deseja, então Ele faz apenas o que deseja, presume que a vontade divina seja a causa de todas as coisas.²¹ Posteriormente, ele concilia a contingência dos fatos com a necessidade do passado, presente e futuro, ao restringir tal necessidade à consequência do discurso (*consequentia disserendi*), conforme o exemplo de que embora seja possível que chova ou que não chova amanhã, se for o caso que irá chover amanhã, então necessariamente choverá amanhã.²² Enfim, ele confirma que Deus pode até desfazer o que já foi feito, pois Seu poder não é limitado por uma necessidade oriunda da lógica, que seria uma arte exclusivamente verbal, comprometida apenas com a análise de argumentos e sem qualquer vínculo com a realidade.²³ Esta concepção, por sua vez, também fora corroborada por Manegoldo de Lautenbath, que insiste na impossibilidade de submeter a fé às regras da lógica em várias passagens do *Liber contra Wolfelmum*, e por Otlo de Santo Emerano (1010 - 1070), que atesta a ingenuidade dos lógicos em seu *Dialogus de tribus quaestionibus*, na medida em que eles decretam que todas as palavras das Sagradas Escrituras deviam ser submetidas à autoridade da lógica e manifestam mais confiança em Boécio do que nos autores sacros.²⁴

Lógica Escolástica Inicial

O caráter lingüístico da lógica concebida por Pedro Damiano foi igualmente enfatizado pelos seus contemporâneos, cujas discussões sobre as conexões entre a lógica e a gramática propagaram-se pelas escolas urbanas instituídas a partir do final do século XI e concorreram para o desenvolvimento da lógica propriamente escolástica.

Entre as primeiras abordagens lógicas de questões oriundas das *Institutiones grammaticae* de Prisciano, convém mencionar um comentário anônimo, onde certas doutrinas acerca dos universais foram utilizadas para elucidar como a linguagem se relaciona com a realidade. Após garantir que alguns nomes são próprios (*propria*) na medida em que se referem a determinada coisa, ao passo que outros nomes são apelativos (*appellativa*), pois se referem a uma coleção de coisas que compartilham alguma propriedade, o autor das *Glosulae in Priscianum* investiga a possibilidade do nome de um tipo

²¹ PEDRO DAMIÃO. *De Divina omnipotentia*, 54-62.

²² *Ibid.*, 70-78.

²³ PEDRO DAMIÃO. *De Divina omnipotentia*, 82.

²⁴ OTLO DE SANTO EMERANO. *Dialogus de tribus quaestionibus*, 60.

de indivíduo se referir propriamente a algo. De início, ele não só refuta a concepção segundo a qual 'homem', por exemplo, nomearia propriamente um conceito existente no intelecto humano, pois todo conceito é comum a várias coisas e não pode ser a referência de um nome próprio, como também rejeita a concepção consoante a qual 'homem' referir-se-ia propriamente a uma natureza universal presente em todos os homens, visto que a avaliação de qualquer nome deve desprezar seu modo de significação (*modus significationis*) a fim de concentrar-se na natureza de sua invenção (*natura inventionis*) e 'homem' foi originalmente inventado para referir-se a todas as coisas que possuem as mesmas características distintivas de um homem. Em seguida, ele esclarece a observação de Prisciano de que os nomes significam substâncias e qualidades ao comentar que as primeiras são referidas ou significadas por imposição (*per impositionem*), enquanto as últimas são expressas ou significadas por representação (*per representationem*) e, finalmente, conclui não só que tanto 'homem' significa por imposição ou se refere àquelas substâncias que seu inventor resolveu designar em virtude das suas similaridades, ao mesmo tempo em que significa por representação ou expressa as qualidades de mortalidade e racionalidade, que permitem representar a respectiva substância como homem, mas também que 'branco' significa por imposição ou se refere a respectiva coisa branca, ou seja, aquilo que é particularmente qualificado pelo adjetivo em questão, apesar de expressar ou significar por representação a brancura, isto é, a qualidade abstrata correspondente.²⁵

Por outro lado, essa abordagem também permitiu a avaliação da natureza do verbo ser a partir de uma distinção porfiriana amplamente discutida por Boécio. Segundo o mesmo comentador, tal verbo poderia indicar a existência de algo ou unir os termos de algum enunciado, não obstante esta função presumir aquela. De fato, o verbo ser em 'Homem é um animal', por exemplo, estabeleceria a união de 'aquilo que é homem' e 'aquilo que é um animal', assim como possibilitaria que 'Sócrates é branco' fosse analisada a partir da referência de 'branco' e expressasse 'aquilo que é Sócrates é alguma coisa branca'. Analogamente, o verbo em questão também ligaria uma palavra com a sua definição, e, neste caso, 'Cão é um animal que late' expressaria que 'cão' e 'um animal que late' possuiriam o mesmo sentido, ou aquilo que é um animal que late seria um dos sentidos de 'cão', ou aquilo que é um animal que late seria aquilo que é expresso por 'cão'.²⁶

Em 1080, Anselmo de Aosta (1033 - 1109), que fora discípulo de Lanfranco e abade de Bec antes de se tornar arcebispo da Cantuária em 1093, também analisou algumas questões levantadas pelos eruditos da época sobre as *Institutiones* e seus vínculos com as *Categorias*, *Da interpretação* e os respectivos comentários de Boécio. Realmente, ao escrever o diálogo *De grammatico*, ele

²⁵ GIBSON, M. The Early Scholastic 'glosule' to Priscian, 'Institutiones grammaticae': the Text and its Influence. *Studi Medievali*, 20, 1, 1979, p. 235-254.

²⁶ Cf. HUNT, R. Studies on Priscian in the Eleventh and Twelfth Centuries. *Mediaeval and Renaissance Studies*, 1941-3, p. 194-231.

procurou esclarecer as divergências entre a concepção semântica de Prisciano e a teoria da paronímia descrita nas *Categorias*. Para tanto, Anselmo restringiu sua investigação à palavra *grammaticus* e compôs uma distinção entre significar e apelar a fim de revelar se aquilo que tal palavra expressa é uma substância ou uma qualidade. Em resumo, ele asseverou que ‘homem’, por exemplo, significaria e apelaria principalmente (*principaliter*) uma substância qualificada de certa maneira, ao passo que *grammaticus* significaria diretamente (*per se*) uma qualidade e apelaria indiretamente (*per aliud*) um homem, isto é, o sujeito da qualidade. Essa doutrina, porém, não esgota as contribuições de Anselmo à lógica, já que elas também abrangem a análise das peculiaridades semânticas de alguns verbos nos *Fragmentos filosóficos* e a discussão acerca da verdade das proposições no segundo capítulo do *De veritate*. Além disso, malgrado o interesse dos pensadores medievais pelo *Monologion* e pelo *Proslogion* concentrar-se na argumentação relativa ao estabelecimento da existência de Deus, tais obras de Anselmo também incluem reflexões adicionais sobre a natureza da possibilidade e da necessidade e as relações entre a linguagem, os conceitos e a realidade. Assim, verifica-se, por exemplo, que a passagem do *Monologion* em que as palavras são identificadas com sinais verbais sensíveis, sinais verbais mentais ou imagens ou definições daquilo que é contemplado pelo intelecto, exerceu uma influência considerável sobre a lógica no século XII.²⁷

Enfim, cabe ainda destacar dois lógicos do final do século XI, cujas concepções atestariam a natureza estritamente lingüística do objeto da lógica. Roscelino de Compiègne (c. 1050 - c. 1120) sustentava que os universais equivalem a meras palavras ou sopros de voz (*flatus vocis*), apesar de não explicar como elas seriam significativas, ao passo que Garlando de Besançon (ou Compotista) acreditava que a lógica é uma ciência do discurso ou da disputa (*sermocinabilis vel disputabilis scientia*) e, por tal razão, sua *Dialectica* encerraria várias doutrinas especificamente importantes para história da lógica formal. De fato, tal obra enfatiza a análise das conseqüências ou proposições condicionais caracterizadas pela impossibilidade do seu antecedente ser verdadeiro e o respectivo conseqüente ser falso, além de asseverar que elas estão sujeitas aos tópicos. Segundo Garlando, há dois tipos de tópicos, a saber, a máxima (*maxima propositio*), que garante uma conseqüência, e a diferença (*differentia*), que possibilita a sua obtenção.²⁸ Assim, convém à diferença auxiliar a geração ou descoberta da conseqüência que será provada por uma máxima através de determinado argumento cuja conclusão será a própria conseqüência. Por exemplo, a conseqüência ‘Se todo animal é branco, então todo homem é branco’ não só é obtida a partir de um dos modos da diferença do gênero (*differentia ab universali toto*), que determina que ‘branco’ pode ser universalmente atribuído a ‘animal’ no antecedente e a ‘homem’ no

²⁷ ANSELMO DE AOSTA. *Monologion*, X.

²⁸ GARLANDO COMPOTISTA. *Dialectica*, p. 101.

conseqüente, como também é provada pela máxima ‘O que é universalmente atribuído ao gênero, também é atribuído às espécies’ através do argumento ‘Animal é o gênero de homem e o que é universalmente atribuído ao gênero, também é atribuído às espécies; logo, se todo animal é branco, então todo homem é branco’.²⁹

O desenvolvimento da lógica no século XII está fundamentalmente vinculado à educação e à pesquisa promovidas pelos mestres das escolas catedralescas, capitulares ou episcopais de Paris, que prosperaram ao longo da margem esquerda do Sena. Em 1094, Guilherme de Champeaux (c. 1070 – 1122), discípulo de Manegoldo e Anselmo de Laon, ingressa na Escola de Notre Dame, onde exerce o magistério até 1108, quando se retira para ensinar no mosteiro de São Vítor. Nesta época, Pedro Abelardo (1079 – 1142), que também fora aluno de Anselmo de Laon e, talvez, mentor dos *Nominales*, após estudar com Roscelino de Compiègne e Guilherme de Champeaux, leciona nas escolas do Mt Ste Geneviève antes de ser substituído por seu oponente Alberico do Monte em 1138, cujos discípulos restringir-se-iam aos *Albricani* e, provavelmente, aos *Montani*, e por Roberto de Melun em 1150, cujos epígonos eram conhecidos como *Robertini* ou *Melidunenses*. Por volta de 1140, Gilberto de Poitiers (c. 1085 - 1154), cujos seguidores eram qualificados de *Gilebertini* ou *Porretani*, ensina na escola episcopal do centro de Paris após renunciar a chancelaria da Escola de Chartres em favor de Teodorico de Chartres (fl. c. 1130 - 1150), que também já lecionara nas escolas do Mt Ste Geneviève. Próximo a Petit-Pont, Adão de Balsham († c. 1159) inaugura sua escola, cujos integrantes chamar-se-iam *Adamitae* ou *Parvipontani*. Finalmente, Pedro de Cápua também contaria com um grupo considerável alunos, que eram chamados de *Capuani*. Não obstante a excelência dos lógicos supracitados, quatro deles sobressaem-se no contexto histórico em questão, a saber, Guilherme de Champeaux, Pedro Abelardo, Gilberto de Poitiers e Adão de Balsham.

Guilherme de Champeaux foi muito reputado no início do século XII em virtude das concepções lógicas estritamente realistas sustentadas por ele tanto nas *Introductiones dialecticae secundum Wilgelmum* e *Introductiones dialecticae secundum magistrum G. Paganellum*, quanto nas *Sententiae* e comentários à *Isagoge*, *Categorias*, *Da interpretação* e *De topicis differentiis*. No que diz respeito à problemática dos universais, Guilherme defendera uma teoria incipiente da essência material, segundo a qual as espécies seriam essências materialmente presentes em cada um dos seus membros, que se distinguiriam mediante as formas inferiores, até sucumbir à crítica de Pedro Abelardo e adotar uma teoria da indiferença especialmente simples na medida em que identificaria os particulares com o universal, que não seria essencialmente, mas só indiferentemente idêntico nos distintos indivíduos. Seu realismo, contudo, também se disseminara por outros segmentos da lógica relativos à significação

²⁹ GARLANDO COMPOTISTA. *Dialectica*, p. 86 e 111.



dos termos, ao sentido das proposições e à relação entre condicionais e argumentos. Nas *Introductiones dialecticae secundum Wilgelmum*, por exemplo, Guilherme esclarece que a significação de um termo depende da existência de alguma coisa significada, de sorte que ‘quimera’ não seria significativo e ‘não-homem’ significaria todas as coisas distintas dos homens. Apesar disso, ele atesta que os termos finitos significariam por imposição (*ponendo*), ao passo que os termos infinitos significariam por remoção (*removendo*) e enuncia o princípio segundo o qual se um termo significa por remoção, então nada se segue por imposição, isto é, nenhuma proposição constituída por um termo finito decorreria de outra proposição composta pelo termo infinito correspondente. Neste caso, evitar-se-ia que ‘pedra’, por exemplo, ocorresse no conseqüente e ‘não-homem’ constasse no respectivo antecedente.³⁰ Finalmente, cumpre salientar que o comentário de Pedro Abelardo ao *De topicis differentiis* ainda revela que Guilherme não só especificou dois sentidos para proposições como ‘Sócrates é branco’, a saber, um sentido gramatical, que identificaria Sócrates com alguma coisa branca, e um sentido lógico, segundo o qual a brancura seria inerente a Sócrates, mas também assegurou que este seria mais geral (*generalior*), embora aquele fosse responsável pela verdade ou falsidade da proposição em questão.³¹ Neste contexto, Guilherme também acrescenta que argumentos e condicionais seriam equivalentes, conforme a própria concepção de que um argumento encerraria os sentidos de diversas proposições. De acordo com ele, ‘Sócrates é um homem; logo, Sócrates é um animal’, por exemplo, incluiria o sentido das proposições ‘Sócrates é um homem’, ‘Sócrates é um animal’ e ‘Se Sócrates é um homem, então Sócrates é um animal’.³²

Pedro Abelardo foi indubitavelmente um dos lógicos mais célebres da Idade Média. Malgrado a *Dialectica* e a *Logica ‘ingredientibus’* incluírem as principais doutrinas lógicas elaboradas por ele, há várias discussões igualmente relevantes para o progresso da lógica medieval em outras obras de sua autoria tais como as *Introductiones parvulorum*, *Tractatus de intellectibus* e *Logica ‘nostrorum*

³⁰ Cf. IWAKUMA, Y. *The Introductiones dialecticae secundum Wilgelmum and secundum magistrum G. Paganellum. Cahiers de l'Institut du Moyen-Âge Grec et Latin*, 63, 1993, p. 45-114.

³¹ Cf. PEDRO ABELARDO. *Logica Ingredientibus: commentary on Boethius's De topicis differentiis*. In: MARIO DAL PRA (ed.) *Pietro Abelarda. Scritti di logica*. Firenze: 1969, p. 271-273; GUILFOY, K. William of Champeaux. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Winter 2005 Edition)*. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/win2005/entries/william-champeaux/>>. Acesso em: 10 dez. 2005.

³² Cf. GREEN-PEDERSEN, N. J. William of Champeaux on Boethius' Topics according to Orleans Bibl. Mun. 266. *Cahiers de l'Institut du Moyen Age Grec et Latin*, 13, 1974, p. 13-30; IWAKUMA, Y. Are Argumentations Propositions? MAIERÙ, A., VALENTE, L. (ed.) *Medieval Theories on Assertive and Non-Assertive Language*. Rome: Lessico Intellettuale Europeo, 2004; TWEEDALE, M. William of Champeaux. *Routledge Encyclopedia of Philosophy*. New York: Routledge, 1998.



petitioni sociorum'.³³ Neste contexto, porém, destacar-se-á a análise da universalidade e a teoria das conseqüências. Para assegurar a concepção de que os universais são meras palavras (*nomina*), Abelardo contesta a possibilidade da existência de algo presente simultaneamente em vários indivíduos de modo a constituir sua substância. De início, ele rejeita a doutrina realista da essência material inicialmente adotada por Guilherme de Champeaux na medida em que ela negligenciaria a noção de substância primeira, substância segunda e acidente, e desprezaria a oposição dos contrários, a diversidade e a multiplicidade das coisas. Em seguida, ele refuta o realismo coletivo professado por Pseudo-Joscelino na obra *De generibus ac speciebus*, segundo o qual um universal é a coleção de suas instâncias, ao salientar que as coleções são comuns aos respectivos membros enquanto partes de uma totalidade e não como uma totalidade presente em cada parte. Por fim, ele apresenta vários exemplos que comprovariam a incoerência da teoria realista da indiferença concebida positivamente no *Tractatus 'quoniam de generali'* de Walter de Mortagne e interpretada negativamente nas *Sententiae* de Guilherme de Champeaux, constringendo o primeiro a abandoná-la em favor do realismo platônico de Bernardo de Chartres e obrigando o último a renunciar sua versão definitivamente.

Na *Dialectica*, há sofisticadas discussões sobre as conseqüências, que seriam consideradas necessárias em virtude da impossibilidade da conjunção de um antecedente verdadeiro e um conseqüente falso, isto é, $p \rightarrow q =_{df} \neg \diamond(p \wedge \neg q)$. No entanto, esta não é uma condição suficiente para caracterizar as conseqüências, pois ela conduziria a resultados paradoxais como, por exemplo, admitir que as conseqüências constituídas por opostos 'Se Sócrates é uma pedra, então Sócrates é um macaco' e 'Se Sócrates é uma pedra, então Sócrates não é um macaco', fossem verdadeiras. Assim, Abelardo estabelece uma exigência adicional segundo a qual o conseqüente deve estar entendido no antecedente e obtém sua definição de conseqüência, a saber, 'Se p, então q' se e somente se (i) não é possível que p, mas não-q, e (ii) q está entendido em p, ou seja, $p \rightarrow q =_{df} [\neg \diamond(p \wedge \neg q) \wedge (p \dashv\vdash q)]$.³⁴ Para compreender o significado da cláusula (ii), é necessário analisar certas doutrinas semânticas da *Dialectica*. Segundo Abelardo, a noção de proposição que tem relevância para a lógica é aquela que a identifica com uma sentença expressando algo que é verdadeiro ou falso. Neste contexto, ao sustentar que as proposições referem-se primariamente a estados de coisas e não a determinados pensamentos gerados a partir de estados de coisas, Abelardo assevera que uma proposição

³³ Cumpre ainda mencionar que existe uma compilação de certas concepções lógicas e metafísicas atribuídas a Pedro Abelardo por algum autor anônimo nas *Sententiae secundum Magistrum Petrum* (cf. KING, P. Peter Abelard. ZALTA, E. (ed.) *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Fall 2004 Edition). Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/fall2005/entries/abelard/>>. Acesso em: 10 dez. 2005).

³⁴ PEDRO ABELARDO. *Dialectica*, p.407.

verdadeira expressaria um estado de coisas que é de fato o caso, e não somente um pensamento a ela associado, e repudia uma eventual interpretação psicológica de sua definição de consequência. De acordo com ele, a noção de que uma proposição expressa simplesmente um pensamento não permite que a conexão presente numa consequência encerre um caráter de necessidade, visto que os pensamentos, enquanto fenômenos mentais, são incapazes de fundamentar as relações conceituais envolvidas no raciocínio sobre as coisas. Na verdade, se a verdade das consequências supõe a conexão de pensamentos tomados em si mesmos, só aquelas consequências constituídas por um consequente e um antecedente idêntico como, por exemplo, 'Se é um homem, então é um homem' seriam necessariamente verdadeiras. Além disso, dado que p implica q , não conviria afirmar que o pensamento associado a p é impossível sem o pensamento associado a q , pois um pensamento pode ocorrer sem que o outro ocorra. Logo, as proposições que compõem as consequências dizem respeito às coisas, de sorte que se o antecedente expressa um estado de coisas que é de fato o caso, então o consequente necessariamente tem que expressar um estado de coisas que também é de fato o caso.³⁵

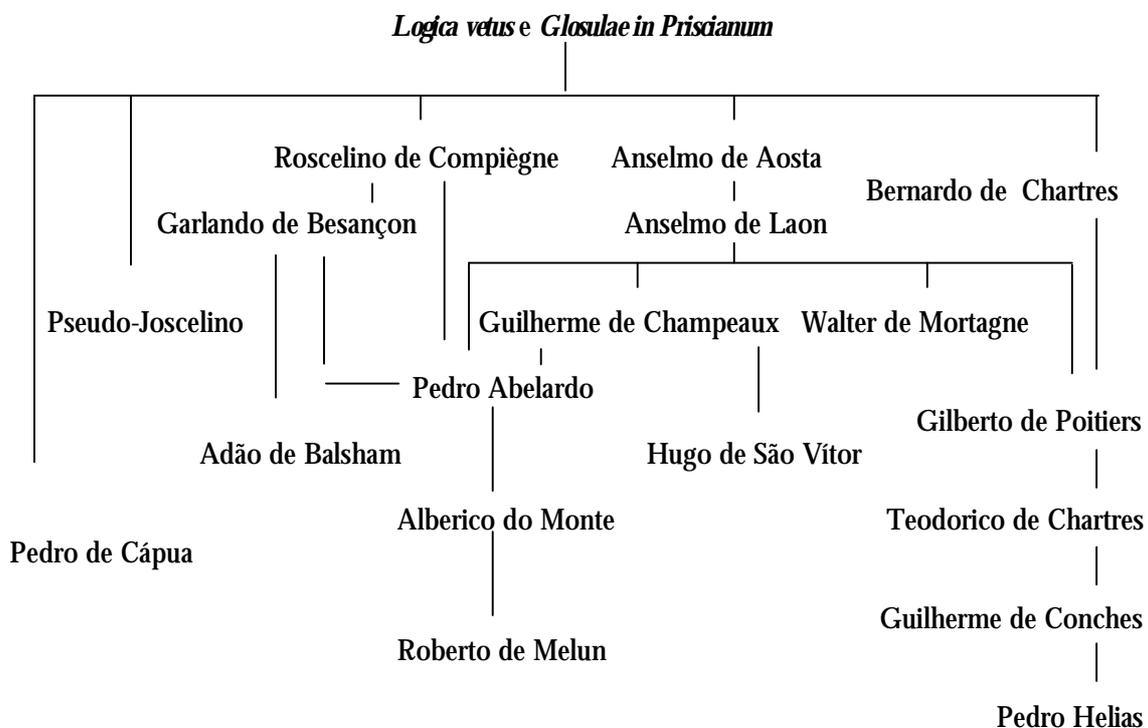
Gilberto de Poitiers, que estudara em Laon e também fora discípulo de Bernardo de Chartres, sobressaiu em meio aos seus contemporâneos graças às doutrinas lógicas elaboradas por ele no comentário aos *Opuscula sacra* de Boécio. De fato, tal obra caracteriza-se basicamente pela maneira profícua como Gilberto aplica sua distinção entre o sujeito ontológico (*quod est*) e o princípio da sua existência (*quo est*) em qualquer discussão lógica. Ele afirma, por exemplo, que um nome significa simultaneamente aquilo que é (*quod est*) e aquilo pelo qual algo é (*quo est*), de modo que o termo subjetivo de uma proposição referir-se-ia conforme a exigência do respectivo predicado à sua predicação própria (*quod est*) ou à sua predicação imprópria (*quo est*), isto é, ao indivíduo ou a respectiva forma.³⁶ Ao glosar o tratado *Quomodo substantiae in eo quod sint, bonae sint, cum non sint substantialia bona*, Gilberto também prevê quatro sentidos contextualmente dependentes do verbo ser, a saber, (i) puramente existencial, (ii) puramente predicativo, (iii) indicador daquilo que é (*quod est*) e (iv) indicador daquilo pelo qual algo é (*quo est*), mas evita a possibilidade das proposições que envolvem algo inexistente implicarem a sua existência, pois adverte que (i) só deveria ser utilizado para discorrer sobre Deus. No *Liber sex principiorum* ou simplesmente *De sex principiis*, opúsculo complementar da *logica vetus* cuja autoria fora atribuída a Gilberto durante a Idade Média, ainda há uma análise metafísica das categorias, que distinguir-se-iam em formas inerentes e formas acessórias. As primeiras, isto é, a substância, a quantidade, a qualidade e a relação, seriam idênticas à própria substância ou intrínsecas à ela, ao passo que as seis restantes, a saber, o lugar, o tempo, a situação, o

³⁵ *Ibid.*, p. 153-155.

³⁶ Cf. GILBERTO DE POITIERS. *De trinitate*, I, 2.



hábito, a ação e a paixão, nada mais seriam do que determinações adjacentes à substância. Adão de Balsham, originário de Beauvais e igualmente chamado de *Parvipontanus* em virtude da escola fundada por ele junto a Petit-Pont, foi autor de uma das obras lógicas mais inovadoras do século XII, a *Ars disserendi*. Publicada em 1132, ela já revela alguma familiaridade com os *Tópicos* e as *Refutações Sofísticas* de Aristóteles, além de renovar a terminologia e a organização dos temas da lógica, cuja análise concentrar-se-ia na caracterização explicitamente formal dos princípios de argumentação. A despeito da interação entre a lógica e a gramática ainda cativar Abelardo e outros lógicos do século XII, alguns dos seus contemporâneos preferiram simplesmente dissociá-las. De fato, tal tendência segregativa está presente não só na investigação de Guilherme de Champeaux sobre os sentidos das proposições, como também ocorre no comentário de Guilherme de Conches às *Institutiones grammaticae* e na *Summa super Priscianum* de Pedro Helias, onde as discussões gramaticais suprimem quaisquer reflexões lógicas a fim de expurgar a própria gramática. Com efeito, até a discrepância entre a concepção de Prisciano, segundo a qual a linguagem referir-se-ia diretamente à realidade, e a concepção aristotélica, de que a linguagem referir-se-ia ao pensamento, é negligenciada, pois sua eventual análise suscitaria discussões irrestritamente lógicas. Consoante o que foi dito, segue um esquema provisório que resume as informações previamente mencionadas e salienta as influências exercidas ou sofridas pelos diversos lógicos do período em questão.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBO DE FLEURY. *Syllogismorum categoricorum et hypotheticarum enodatio*. (ed. A. Van de Vyver) Bruges: De Tempel, 1966.
- _____. *Quaestiones grammaticales*. (ed. Anita Guerreau-Jalabert) Paris: 1982. In: *Bibliotheca Augustana*. Disponível em: <http://www.fh-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lspost10/Abbo/abb_gram.html>. Acesso em: 10 dez. 2005.
- ALCUÍNO. De dialectica. In: MIGNE J. -P. (ed.) *Patrologia Latina*. Paris: 1851, vol. 101.
- ANSELMO DE BESATE. Rhetorimachia. In: MANITIUS, K. (ed.) *Monumenta Germaniae Historica*. Weimar: Hermann Böhlau Nachfolger, 1958, Quellen zur Geschichte des Mittelalters, vol. II.
- ANÔNIMO. Libri carolini. In: BASTGEN, H. (ed.) *Monumenta germaniae historica*. Hanover: 1924, Consilia II, Supplementum.
- ANÔNIMO. Usia graece. In: MARENBNON, J. *From the Circle of Alcuin to the School of Auxerre* Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- ANSELMO DE AOSTA. *Opera omnia*. (ed. F. Schmitt) Edinburgo: Nelson, 1946.
- _____. *Memorials of St Anselm* SCHMITT, F., SOUTHERN, R. (ed.) Oxford: Oxford University Press, 1969.
- APULEIO DE MADAURA. Peri hermeneias. In: APULEIUS PLATONICI MADAURENSIS (ed. Claudio Moreschini) *De philosophia libri*. Stuttgart: Teubner, 1991, p. 189-215.
- ARISTÓTELES LATINO. *Categoriae vel Praedicamenta*. (ed. L. Minio-Paluello) Bruxelas: Desclée de Brouwer, 1961.
- _____. *De interpretatione vel Periermenias*. (ed. L. Minio-Paluello e G. Verbeke) Bruxelas: Desclée de Brouwer, 1965.
- _____. *Analytica priora*. (ed. L. Minio-Paluello) Bruxelas: Desclée de Brouwer, 1962.
- _____. *Analytica posteriora*. (ed. L. Minio-Paluello e B. Dod) Bruxelas: Desclée de Brouwer, 1968.
- _____. *De sophisticis elenchis*. (ed. L. B. Dod) Bruxelas: Desclée de Brouwer, 1975.
- _____. *Categoriarum supplementa: Porphyrii Isagoge et Liber sex principiorum*. (ed. L. Minio-Paluello) Bruxelas: Desclée de Brouwer, 1965.
- ASHWORTH, J. *The Tradition of Medieval Logic and Speculative Grammar from Anselm to the End of the Seventeenth Century: A Bibliography from 1836 Onwards*. Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 1978.
- BERENGÁRIO DE TOURS. *Rescriptum contra Lanfrannum*. (ed. R. Huygens) Turnhout: Brepols, 1988.
- BLANCHÉ, R. *La logique et son histoire: D'Aristote a Russell*. Paris: Armand Colin, 1970.
- BOCHENSKI, I. *Historia de la lógica formal*. Madrid: Gredos, 1966.



- BOÉCIO. *In Isagogen Porphyrii Commenta*. (ed. S. Brandt) Leipzig: Tempsky & Freytag, 1906, Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum 48.
- _____. *Commentarii in librum Aristotelis Peri hermenias pars prior versionem continuam et primam editionem continens*. (ed. K. Meiser) Leipzig: Teubner, 1877.
- _____. *Commentarii in librum Aristotelis Peri hermenias pars posterior secundam editionem et indices continens*. (ed. K. Meiser) Leipzig: Teubner, 1880.
- _____. *De hypotheticis syllogismis*. (ed. L. Obertello) Brescia: Paideia, 1969.
- _____. De differentiis topicis libri quattuor. In: MIGNE J. -P. (ed.) *Patrologia Latina*. Paris: 1851, vol. 64.
- _____. In Topica Ciceronis Commentariorum libri sex. In: MIGNE J. -P. (ed.) *Patrologia Latina*. Paris: 1851, vol. 64.
- _____. Introductio ad syllogismos categoricos. In: MIGNE J. -P. (ed.) *Patrologia Latina*. Paris: 1851, vol. 64.
- _____. De syllogismo categorico. In: MIGNE J. -P. (ed.) *Patrologia Latina*. Paris: 1851, vol. 64.
- _____. Liber de divisione. In: MIGNE J. -P. (ed.) *Patrologia Latina*. Paris: 1851, vol. 64.
- CASSIODORO *Institutiones*. (ed. R.A.B. Mynors) Oxford: Clarendon Press, 1937.
- DE LIBERA, A. *La philosophie médiévale*. Paris: PUF, 1989.
- FREDEGISO DE TOURS De substantia nihili et de tenebris. In: EUEMLER, E. (ed.) *Monumenta Germaniae Historica*. Berlin: Weidmann, 1895, Epistolae IV, Epistolae Karolini Aevi II.
- FULBERTO DE CHARTRES. Tractatus contra iudeos. In: MIGNE J. -P. (ed.) *Patrologia Latina*. Paris: 1853, vol. 141.
- GARLANDO COMPOTISTA *Dialectica*. (ed. L. M. de Rijk) Assen: Van Gorcum, 1959.
- GERBERTO DE AURILLAC. De rationale et ratione uti. In: OLLERIS, A. (ed.) *Oeuvres de Gerbert, pape sous le nom de Sylvestre II*. Paris: Dumoulon, 1867, p. 297-310.
- GIBSON, M. The Early Scholastic 'glosule' to Priscian, 'Institutiones grammaticae': the Text and its Influence. *Studi Medievali*, 20, 1, 1979, p. 235-254.
- GILBERTO DE POITIERS. *The Commentaries on Boethius by Gilbert of Poitiers*. (ed. N. Häring) Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 1966.
- GUILFOY, K. William of Champeaux. In: ZALTA, E. (ed.) *The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Winter 2005 Edition)*. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/win2005/entries/william-champeaux/>>. Acesso em: 10 dez. 2005.
- GILSON, E. *A filosofia na Idade Média*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2002.
- GREEN-PEDERSEN, N. J. William of Champeaux on Boethius' Topics according to Orleans Bibl. Mun. 266. *Cahiers de l'Institut du Moyen Age Grec et Latin*, 13, 1974, p. 13-30;



- HUNT, R. Studies on Priscian in the Eleventh and Twelfth Centuries. *Mediaeval and Renaissance Studies*, 1941-3, p. 194-231.
- ICPA. Frühmittelalterlichen Glossen des angeblichen Jepa zur Isagoge des Porphyrius. In: BAEUMKER, C.; WALTERHAUSEN, B. (ed.) *Beiträge zur Geschichte der Philosophie des Mittelalters*. Münster: Aschendorff, 24, 1, 1924.
- ISIDORO DE SEVILHA. *Etymologiae* (ed. W.M. Lindsay) Oxford: Clarendon Press, 1911.
- JEAUNEAU, E. Pour le dossier d'Israel Scot. *Archives de l'histoire doctrinale et littéraire du moyen âge*, 52, 1985, p. 7-72.
- JEUDI, C. Israel le grammairien et la tradition manuscrite du commentaire de Remi d'Auxerre à la Ars Minor de Donat. *Studi medievali*, 18, 2, 1977, p. 185-205.
- JOÃO ESCOTO ERIÚGENA. *Periphyseon I-III*. (ed. I. P. Sheldon-Williams) Dublin: 1968-81, *Scriptores latini hiberniae* 7, 9,11.
- _____. De divisione naturae. In: MIGNE J. -P. (ed.) *Patrologia Latina*. Paris: 1853, vol. 122.
- KING, P. Peter Abelard. In: ZALTA, E. (ed.) *The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Fall 2004 Edition)*. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/fall2005/entries/abelard/>>. Acesso em: 10 dez. 2005.
- KNEALE, W., KNEALE, M. *O desenvolvimento da lógica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.
- LANFRANCO DE BEC. De corpore et sanguine Domini. In: MIGNE J. -P. (ed.) *Patrologia Latina*. Paris: 1853, vol. 150.
- MANEGOLDO DE LAUTENBATH. Liber contra Wolfelmum. In: HARTMANN, W. (ed.) *Monumenta Germaniae Historica*. Weimar: Hermann Böhlau Nachfolger, 1952.
- MARENBNON, J. *From the Circle of Alcuin to the School of Auxerre* Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- _____. *Early Medieval Philosophy*. New York: Routledge, 1991.
- McKITTRICK, R., MARENBNON, J. Philosophy and its Background in the Early Medieval West. In: MARENBNON, J. *Medieval Philosophy*. Londres: Routledge, 1998.
- MOODY, E. Lógica medieval europea. In: PRIOR, A. (ed.) *Historia de la lógica*. Madrid: Tecnos, 1976.
- NOKTER LABEO. De syllogismis. In: PIPER, P. (ed.) *Die Schriften Notkers und seiner Schule* Tübingen: Mohr, 1881,
- OTLO DE SANTO EMERANO. Dialogus de tribus quaestionibus. In: MIGNE J. -P. (ed.) *Patrologia Latina*. Paris: 1853, vol. 60.
- PEDRO ABELARDO. Logica Ingredientibus: commentary on Boethius's De topicis differentiis. In: MARIO DAL PRA (ed.) *Pietro Abelarda*. Scritti di logica. Firenze: 1969.
- _____. *Dialectica*. (ed. L. M. de Rijk) Assen: Van Gorcum, 1970.



- PEDRO DAMIÃO. *De Divina omnipotentia*. (ed. P. Brezzi) Florença: Valecchi, 1943.
- PIRONET, F. *The Tradition of Medieval Logic and Speculative Grammar. A Bibliography (1977-1994)*. Turnhout: Brépols, 1997.
- PORFÍRIO. (ed. A. Busse) *Porphyrii Isagoge et in Aristotelis Categoriae commentarium*. Berlin: Reimer, 1887.
- PSEUDO-AGOSTINHO. Anonymi paraphrasis Themistianae (Pseudo-Augustini Categoriae decem). In: ARISTÓTELES LATINO. (ed. L. Minio-Paluello) *Categoriae vel Praedicamenta*. Desclée de Brouwer, 1961.
- RATRANO DE CORBIE. (ed. D. C. Lambot) *De anima ad Odonem*. Lille: Giard, 1952.
- RIECKENBERG, H. Anselm von Besate. In: *Lexicon des Mittelalters*. München: Artemis, 1980, 680.
- TWEEDALE, M. William of Champeaux. In: CRAIG, E.(ed.) *Routledge Encyclopedia of Philosophy*. New York: Routledge, 1998.
- IWAKUMA, Y. *The Introductiones dialecticae secundum Wilgelmum and secundum magistrum G. Paganellum*. *Cahiers de l'Institut du Moyen-Âge Grec et Latin*, 63, 1993, p. 45-114.
- _____. Are Argumentations Propositions? MAIERÛ, A., VALENTE, L. (ed.) *Medieval Theories on Assertive and Non-Assertive Language*. Rome: Lessico Intellettuale Europeo, 2004.